



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 5, volume 5, artigo nº 145, Julho/Dezembro 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a145>
Edição Especial

SINTOMAS DEPRESSIVOS EM ESTUDANTES DE MEDICINA, COMPARADOS COM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM, ENGENHARIA E PSICOLOGIA DO BRASIL

Vitoria Bittencourt Neres¹

Acadêmica de Medicina

Natália Carlette Athaydes²

Acadêmica de Medicina

Vitor Dos Santos Machado³

Acadêmico de Medicina

Sthela Fontoura Silveira⁴

Acadêmica de Medicina

Cláudio dos Santos Dias Cola⁵

Mestre em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde pela Universidade Federal do
Rio de Janeiro

Afrânio Simões Pessanha⁶

Mestre em Cirurgia Geral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Carlito Lessa da Silva⁷

Doutor em Cardiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

¹ UniRedentor, acadêmica de Medicina, Itaperuna-RJ, bittencourtneresvitoria@gmail.com

² UniRedentor, acadêmica de Medicina, Itaperuna-RJ, nataliacarlettee@gmail.com

³ UniRedentor, acadêmico de Medicina, Itaperuna-RJ, vsantos1610@gmail.com

⁴ UniRedentor, acadêmica de Medicina, Itaperuna-RJ, sthelafsilveira@gmail.com

⁵ UniRedentor, Medicina, Itaperuna-RJ, claudiodiascola@gmail.com

⁶ UniRedentor, Medicina, Itaperuna-RJ, afraniosimoes@bol.com.br

⁷ UniRedentor, Medicina, Itaperuna-RJ, carlitolessa@hotmail.com

Resumo

Estudos sobre a ocorrência de sintomas depressivos em universitários dos cursos de medicina, enfermagem, engenharia e psicologia mostraram a presença de sintomas depressivos entre os discentes de tais cursos superiores. Isso estaria associado a fatores recorrentes à universidade e ao próprio indivíduo. Com este trabalho, buscou-se identificar e comparar a prevalência dos sintomas depressivos em estudantes universitários de medicina, enfermagem, engenharia e psicologia no Brasil, comparando os dados encontrados a fim de observar se esses sintomas são comuns a esses cursos ou mais expressivos em um deles. Foram selecionados artigos que possuíam como base análises qualitativas abordadas por métodos de revisão de literatura e questionários, e que viabilizam a comparação de sintomas depressivos entre os alunos. Os artigos utilizados como critério de discussão foram datados pelas bases Lilacs, Periódicos em Nuvens e Scielo, e que possuem, como palavras-chave, "sintomas depressivos" e "estudantes universitários". No mais, também foram comparados estudos cujo objetivo é discernir sintomas depressivos em acadêmicos de faculdades/universidades públicas e particulares de cidades das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil. Concluiu-se que os fatores pedagógicos e estruturais que desencadeiam sintomas depressivos nos discentes comuns entre tais cursos são: inseguranças com o curso, falta de tempo para atividades extracurriculares e realidade socioeconômica. Todavia, os acadêmicos de medicina apresentaram maior predisposição à depressão, principalmente as mulheres, que nas pesquisas mostraram uma maior frequência de sintomas depressivos do que os homens.

Palavras-chave: depressão; estudantes; ensino superior.

Abstract

Studies on the occurrence of depressive symptoms in medical, nursing, engineering and psychology students showed the presence of depressive symptoms among students of these higher education courses. This is associated with factors recurring to the university and to the individual. With this paper, you can identify and compare depressive symptoms in medical, nursing, engineering and psychology college students in Brazil, comparing the data found in order to observe if these symptoms are common in these courses or more expressive in one of them. The articles selected had as qualitative basis analyzes approached by literature review methods and questionnaires, which made it possible to compare depressive symptoms among students. The articles' database were Lilacs, Periodicals in Clouds and Scielo, which had as keywords "depressive symptoms" and "university students". In addition, studies were also compared with purpose to discern depressive symptoms in academics from public and private colleges / universities in cities in the Southeast, South and Midwest of Brazil. It was concluded that the pedagogical factors and those that trigger depressive symptoms in the common students between such courses are: insecurities with the course, lack of time for extracurricular activities and socioeconomic reality. However, medical students showed a greater predisposition to depression, especially women, who had a higher frequency of depressive symptoms than men.

Keywords: depression; students; higher education.

1 INTRODUÇÃO

Estudantes universitários estão frequentemente expostos a situações estressantes, que podem contribuir para o desenvolvimento de processos patológicos psíquicos, como a depressão. Estudos sobre a ocorrência de sintomas depressivos em universitários dos cursos de medicina, enfermagem, engenharia e psicologia mostram a presença desses sintomas entre os estudantes de tais cursos superiores. Isso estaria associado a uma série de fatores recorrentes à universidade e ao próprio indivíduo (AMARAL et al., 2008).

Durante o curso universitário, podem existir diversos estressores, que dependem de acordo com a fase do curso que o aluno está: início, meio ou final. Assim, esses fatores podem ser diferentes entre os estudantes, influenciando, assim, na prevalência dos sintomas depressivos entre eles. Além disso, de acordo com De Melo Cavestro & Rocha, 2006, “estima-se que 15% a 25% dos estudantes universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua formação acadêmica, notadamente transtornos depressivos e de ansiedade” (DE MELO CAVESTRO & ROCHA, 2006).

Esse estudo abordará apenas os sintomas depressivos que estão presentes em estudantes dos cursos superiores que serão abordados, que são medicina, enfermagem, engenharia e psicologia. Assim, a partir da análise qualitativa e comparativa entre os dados obtidos, será possível verificar se há diferença na prevalência desses sintomas entre esses estudantes.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao dar início a vida universitária, diversos estudantes passam por marcantes mudanças em suas vidas, seja ela em âmbito familiar deixando a casa e apoio próximo dos pais para morar em locais mais distantes sozinhos ou com amigos, seja em âmbito financeiro, podendo deixar as condições de renda menos favorecidas. A partir disso, exigências e demandas na vida do universitário fazem com que eles apresentem recursos emocionais e cognitivos complexos para superar as dificuldades desse novo ambiente.

Essas mudanças, não raro, geram estresse na vida dos jovens, o qual pode ser dividido em fases distintas de acordo com diferentes fatores. A primeira fase corresponde ao primeiro contato entre o indivíduo e o que está podendo causar-lhe estresse. A segunda fase corresponde a tentativa de recuperação do equilíbrio perdido quando entrou em contato

com o agressor, seja através de adaptação ou eliminação do problema. A terceira fase corresponde à exaustão pela falha dos mecanismos de adaptação aos problemas e déficit das energias reservadas. Crises de ansiedade e depressão se apresentam, a libido fica reduzida afetando consideravelmente a qualidade de vida do indivíduo (LIPP, 2003).

Assim, vamos analisar como esses sintomas estão presentes em estudantes de Medicina, enfermagem, engenharia e psicologia.

2.1 SINTOMAS DEPRESSIVOS EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Foram comparados estudos que pesquisaram sintomas depressivos em estudantes de medicina, sendo que as universidades e cidades respectivas em que foram realizados são: Univille em Joinville (SC), Universidade Federal de Uberlândia em Uberlândia (MG) e Universidade Federal de Goiás em Goiânia (GO).

A pesquisa no Centro Universitário Univille utilizou uma amostra de 140 estudantes de medicina distribuídos nos cinco anos avaliados (não havia o sexto ano do curso na época em que o estudo foi realizado) e o método utilizado foi o Inventário de Depressão de Beck (IDB). Este estudo relatou que os sintomas depressivos foram prevalentes nas mulheres, haja vista que “53,45% das entrevistadas apresentaram quadros depressivos, enquanto apenas 21,24% dos homens entrevistados se encontravam nessa situação” (MORO, VALLE & LIMA, 2005). A distribuição de sintomas de acordo com o ano cursado está representada no gráfico abaixo:

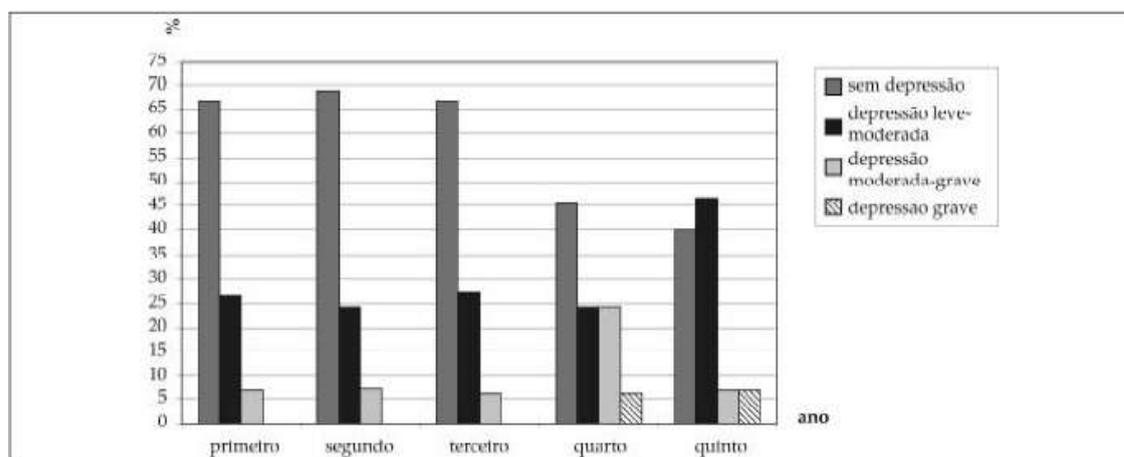


Gráfico 1: Distribuição da severidade dos sintomas depressivos nos estudantes de Medicina da Univille (Joinville, SC), 2005.

Fonte: MORO, VALLE, LIMA; 2005.

Este mesmo estudo comparou os resultados obtidos com outros estudos, de locais

como Califórnia, Colômbia, China e Turquia, os quais também relataram o índice de sintomas depressivos elevados em estudantes de Medicina em comparação com o da população geral (MORO, VALLE & LIMA,2005).

O estudo realizado na UFU utilizou uma amostra de 400 alunos de Medicina e o método utilizado também foi o IDB. Ele relatou que os sintomas depressivos são mais predominantes em estudantes do sexo feminino e segundo De Rezende et al., 2008, há trabalhos da literatura que também demonstram “maior frequência de sintomas depressivos em mulheres, tanto no meio acadêmico como na população geral”. A distribuição dos sintomas depressivos em relação aos períodos é representada na tabela a seguir:

Período	Nenhum/Mínimo		Leve		Moderada		Grave		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1º	12	32,43	14	37,84	8	21,62	3	8,11	37	100,00
2º	8	20,51	12	30,77	12	30,77	7	17,95	39	100,00
3º	9	23,08	15	38,46	7	17,95	8	20,51	39	100,00
4º	14	35,90	13	33,33	11	28,21	1	2,56	39	100,00
5º	4	10,26	9	23,08	14	35,90	12	30,76	39	100,00
6º	6	19,35	6	19,35	10	35,26	9	29,04	31	100,00
7º	2	6,07	9	27,27	13	39,39	9	27,27	33	100,00
8º	5	14,29	10	28,57	18	51,43	2	5,71	35	100,00
9º	3	9,10	8	24,24	14	42,42	8	24,24	33	100,00
10º	13	43,33	6	20,00	6	20,00	5	16,67	30	100,00
11º	7	21,88	9	28,12	8	25,00	8	25,00	32	100,00
12º	1	6,25	6	37,50	4	25,00	5	31,25	16	100,00
Total	84	20,84	117	29,03	125	31,02	77	19,11	403	100,00

Tabela1: Distribuição segundo pontuação obtida no IDBe período cursado pelos acadêmicos do curso de Medicina da UFU, 2004.

Fonte: DE REZENDE et al., 2008.

A pesquisa na UFG utilizou uma amostra de 54 alunos do primeiro ano, 57 do segundo, 58 do terceiro, 52 do quarto, 40 do quinto e 26 do sexto. O IDB foi o instrumento utilizado. Em relação a variável sexo, os resultados foram: “7,7% das mulheres e 6,1% dos homens com sintomas depressivos moderados e graves, enquanto que 25,8% das mulheres e 12,9% dos homens apresentaram sintomas depressivos leves. A distribuição de sintomas de acordo com o ano do curso, foi a seguinte:

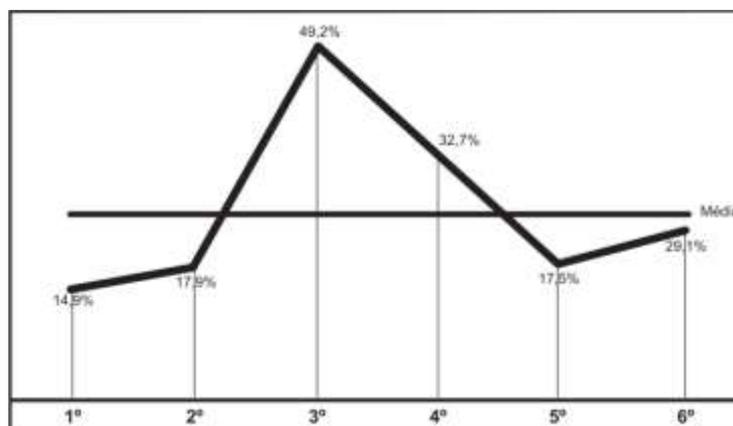


Gráfico 2: Alunos com sintomas depressivos por ano da Universidade Federal de

Goiás no ano de 2008.

Fonte: AMARAL et al., 2008.

Segundo Moro, Valle & Lima, 2005: “Esses estudos sugerem que a faculdade de Medicina, da maneira como está estruturada atualmente, pode ser um fator desencadeante de sintomas depressivos nos estudantes.”

Dificuldade de organização do estudo, competitividade, distanciamento dos professores, intensa quantidade de informações, limite das atividades de lazer, e a sensação de não saber nada, são um dos fatores citados por Guimarães et al., 2000, que agravam o grau de estresses dos alunos de Medicina ao longo do curso. (GUIMARÃES et al., 2000 apud DE REZENDE et al., 2008).

Esses fatores sinalizam o desencadeamento de sintomas depressivos em estudantes de Medicina, sendo que os escores são mais elevados no sexo feminino. Isso acontece porque o ambiente e o suporte social na maioria das culturas, muitas vezes, constituem um fator de risco para as mulheres desenvolverem sintomas depressivos. Ademais, existem investigações que apontam que as mulheres com maior risco de desenvolver transtornos mentais são aquelas com filhos pequenos e empregos com jornada integral (DE REZENDE et al., 2008).

Tanto a pesquisa na UFU quanto a pesquisa na UFG mostraram que os sintomas depressivos em estudantes de Medicina são maiores quando comparados com a população geral. Assim, faz-se necessário criar e aperfeiçoar programas de atendimento psicológico e farmacológico aos alunos e informá-los sempre que possível sobre as probabilidades de desenvolvimento desses sintomas (AMARAL et al., 2008).

Por fim, esses dados mostram que é necessário haver apoio institucional e ampliação de acesso aos programas existentes para estudantes de Medicina, além de que no processo de mudança curricular, merecem maior atenção as cargas horárias excessivas e a ansiedade progressiva com a finalização do curso (DE REZENDE et al., 2008).

2.2 SINTOMAS DEPRESSIVOS EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Em pesquisa feita com 224 alunos de 1º, 2º e 3º anos do curso de bacharelado em enfermagem da USP – Ribeirão Preto (Furegato et al. 2008), foram utilizados questionários que tiveram como objetivo desvendar o conhecimento e o ponto de vista sobre depressão dos estudantes, além da escala de Beck e uma escala de informações sobre autoestima, saúde e qualidade de vida.

Foram submetidos 213 mulheres e 11 homens. As idades dos pesquisados estavam entre 17 e 44 anos, sendo a maior parte (79%) entre 20 e 25 anos (FUREGATO et al., 2008).

Além disso, a maior parte dos alunos era solteira (96%), enquanto casados e divorciados estavam em menor quantidade (FUREGATO et al., 2008).

A pesquisa utilizou como critério escores (“pontuações” geradas pelo questionário), sendo eles:

Acima de 30 – depressão grave; Entre 20 e 30 – depressão moderada; Entre 15 e 20 –

depressão leve;

Abaixo de 15 – sem sintomas depressivos

Achados: 1 caso de depressão grave (0,44%); 14 de depressão moderada (6,25%); 28 de depressão leve (12,5%); 181 sem sinais depressivos (80,8%) (FUREGATO et al., 2008).

Na mesma leitura, evidencia-se que a autoestima é inversamente proporcional a depressão; uma vez que, quando a primeira aumenta, a segunda diminui – e vice versa – (FUREGATO et al., 2008).

No mesmo ano, outra pesquisa objetivou verificar a prevalência de autoavaliação de saúde, depressão e fatores associados entre estudantes do 2º ano de enfermagem em Ribeirão Preto (Furegato et al. 2008). Dentre 114 estudantes, são apresentados sinais depressivos tanto no bacharelado (15,4%) quanto na licenciatura (28,6%) (FUREGATO et al., 2008).

Estes foram enquadrados em sintomas leves, moderados e graves; evidencia-se que 14% podem ser classificados como depressão moderada/grave (FUREGATO et al., 2008).

Na licenciatura foi observada uma constância: conforme crescia a classe social dos alunos, decresciam sintomas depressivos. A partir da Figura 1, a comparação dos cursos é evidenciada (FUREGATO et al., 2008).

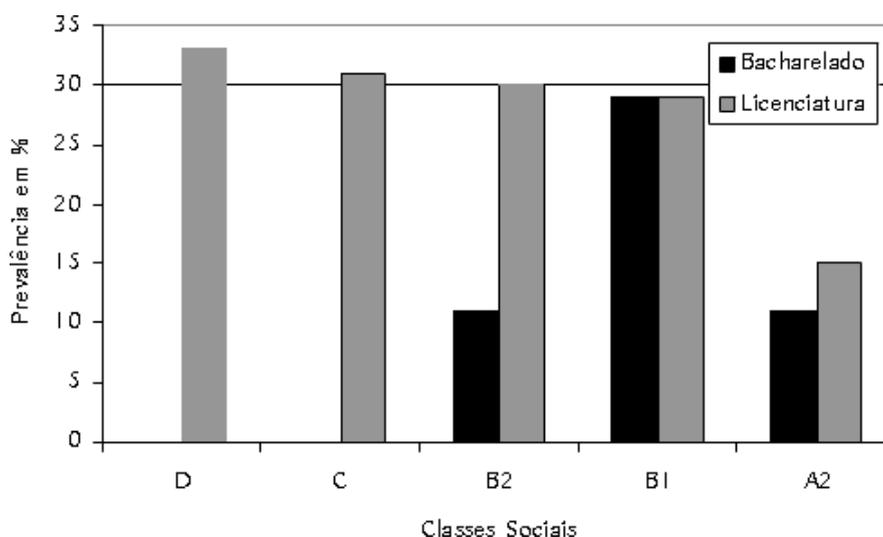


Gráfico 3: Prevalência de depressão por curso e classe social. Ribeirão Preto, 2008.

Fonte: Furegato et al. (2008)

2.3 SINTOMAS DEPRESSIVOS EM ESTUDANTES DE ENGENHARIA

Segundo Thomaz et. al. (2011) existem diversos fatores que desencadeiam estresse nos estudantes de Engenharia, entre os mais comuns estão os fatores psicológicos ou pessoais, como a escolha equivocada do curso e as dificuldades psicológicas;

Os fatores relacionados aos primeiros anos do curso são, principalmente, pela falta de base do ensino médio e fundamental, as dificuldades para o desenvolvimento do pensamento

científico e a demora nos currículos para entrar nos assuntos específicos do curso (THOMAZ, et al. 2011).

Os fatores relacionados ao currículo do curso são devidos a elevada carga horária, como também a carga horária presencial elevada, falta de tempo para estudar, elevado número de disciplinas, elevado número de provas e trabalhos, prazos apertados, nível de exigência elevado, falta de integração entre disciplinas, defeitos da grade curricular - como ausência de pré-requisitos, ou disciplinas posicionadas incorretamente -, falta de tempo para atividades físicas, sociais e culturais; desatualização curricular em razão do avanço científico e tecnológico (THOMAZ, et al. 2011).

Thomaz et. al. (2001) também fala que estão presente os fatores pedagógicos e estruturais, como as deficiências pedagógicas na formação de professores e coordenadores; Mudanças do paradigma educacional; Deficiências de recursos e infraestrutura do curso e por fim, fatores socioeconômicos, que está inserido a necessidade de trabalhar durante o período do curso, precarização do trabalho e do emprego no Brasil; Desvio da atuação do engenheiro para outras áreas; Dependência da Engenharia no Brasil de países mais desenvolvidos; percepção de que a profissão de engenheiro é menos valorizada em relação a outras como Direito ou Medicina, por exemplo; falta de consciência do papel da Engenharia no contexto mundial, entre outros fatores desencadeantes.

Estudos baseados em acadêmicos de engenharia de um curso não identificado em Curitiba mostram os altos índices de estudantes com sintomas depressivos. Em um questionário aplicado para 84 pessoas, 61% dos estudantes de engenharia revelaram ter algum tipo de estresse e 39% não apresentaram estresse. Dos estudantes considerados estressados, 54% destes possuem recursos para lidar com a patologia, por estarem na fase de alerta e de resistência. Sendo que do restante, 5% estão na fase de quase-exaustão e 2% na fase de exaustão (THOMAZ, et al. 2011).

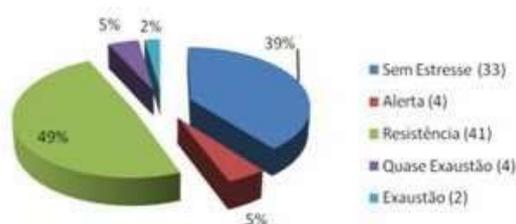


Gráfico 4 – Estudantes com e sem estresse por fase.

Fonte: LIPP, 2003.

Sintomas	Alerta		Resistência		Quase Exaustão		Exaustão		Totais	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Psicológicos	2	50	25	61	2	50	2	100	31	61
Físicos	1	25	12	29	2	50	0	0	15	29
Psicológicos e Físicos	1	25	4	10	0	0	0	0	5	10
Totais	4		41		4		2		51	

TABELA 2 – Fase do Estresse de acordo com sintomatologia predominante nos sujeitos.

Fonte: LIPP, 2003.

A partir disso, pode-se observar que 61% apresenta sintomas psicológicos, no qual está relacionado à sensibilidade emotiva excessiva, instabilidade, sensação de incompetência, apatia, angústia e ansiedade. Os sintomas físicos mais comuns são diarreia, insônia, náuseas, úlceras, gastrites, mudança de apetite, tensão muscular, taquicardia e cansaço excessivo (THOMAZ, et al. 2011).

2.4 SINTOMAS DEPRESSIVOS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa com estudantes dos dois últimos anos de psicologia, a partir de critérios que nesses anos os estudantes dessa graduação estão mais submetidos ao estresse devido a extensa carga horária acadêmica e maior número de atividades práticas relacionadas com o exercício da profissão. Estão entre os pesquisados 17 alunos, sendo 7 homens e 10 mulheres. Na pesquisa buscou-se observar as características de moradia, distância dos familiares e dos amigos, habilidade com o tempo extra, realização de atividades físicas, além da presença ou não de sintomas físicos e psicológicos relacionados ao estresse nesses estudantes (BONIFÁCIO, 2011).

Quanto ao perfil dos estudantes entrevistados, é possível observar que no geral, entre homens e mulheres, eles residem com amigos. Entre apenas homens somente dois residem com amigos, e que a maioria deles residem com a família. Entre somente as mulheres, a maioria reside com amigas (sendo sete entre as dez), duas residem sozinha e apenas uma reside com a família. A família dos estudantes que disseram morar sozinhos ou em república, residem em cidades distantes das cidades universitárias (BONIFÁCIO, 2011).

Participantes	Idade	Ano acadêmico	Com quem reside
P1	24	5	Amigos
P2	30	5	Sozinho
P3	22	5	Sozinho
P4	24	5	Família
P5	23	5	Família
PP6	22	5	Amigas
PP7	24	5	Amigas
PP8	23	5	Amigas
PP9	23	5	Família
PP10	22	5	Sozinha
P11	21	4	Família
P12	21	4	Amigos
PP13	22	4	Amigas
PP14	20	4	Amigas
PP15	24	4	Amigas
PP16	21	4	Sozinha
PP17	22	4	Amigas

Tabela 3 – Descrição dos participantes envolvidos no estudo.

Fonte: BONIFÁCIO, 2011.

O estresse relacionado a moradia é muito comum entre os estudantes pelo fato da maioria deles viverem distantes das famílias e amigos de mais tempos. Relacionado a essa distância que pode causar estresse está a dificuldade de integração no novo ambiente, o universitário (a). Além disso, a convivência em repúblicas (morar com outros estudantes que ainda não tinha nenhuma relação amigável) é também bastante difícil, pois pelo fato de não conhecer a pessoa de forma que possa desabafar com confiança faz com que o indivíduo acumule todos os seus problemas para si mesmo, aumentando a probabilidade de causar estresse (BONIFÁCIO, 2011).

“A convivência em novos grupos sociais exige do ingressante, repertórios elaborados de comunicação e socialização. A diversidade das relações interpessoais estabelecidas no ambiente universitário favorece o crescimento pessoal, bem como auxilia na ampliação da rede de apoio.” (IGUE et al., 2008).

Outro fator também muito preocupante é a exigência acadêmica, isso porque ela impede, muitas vezes, que o aluno tenha algum tempo livre sem estar pensando realmente nas tarefas acadêmicas. A grade curricular integral do curso é uma característica que merece maior análise pelos órgãos gestores das universidades, isso porque impede que tenha tempo para estudar em casa a matéria dada além de impedir que o estudante cuide da própria saúde, e o tempo para distrair a mente, facilitando um maior estresse nos estudantes (BONIFÁCIO, 2011).

“Quando questionados se já haviam se sentido sobrecarregados pelas atividades da universidade, apenas 1 participante afirmou não se sentir sobrecarregada, o que evidencia a relevância da análise da carga horária e programas voltados ao desenvolvimento discente. Onze participantes relataram que a sobrecarga afetou o aproveitamento das atividades oferecidas pela universidade.” (BONIFÁCIO, 2011).

Essa sobrecarga relatada gera cansaço físico, esgotamento mental, preocupação excessiva, dificuldade no sono e na alimentação, desânimos, gastrite, dermatite, crises de choro e enxaqueca (BONIFÁCIO, 2011).

Nessa pesquisa foi possível observar que dentre 17 participantes, 9 não apresentaram estresse e 8 se encontravam na fase de resistência contra um futuro estresse. O estresse ocorrido é mais comum em estudantes do sexo feminino, 5 dos que apresentaram estresse teve como sintoma o psicológico, 2 foi predominante os sintomas físicos em conjunto com os sintomas psicológicos e apenas 1 apresentou sintomas físicos (BONIFÁCIO, 2011).

“A fase de resistência tem como sintomas característicos a sensação de fadiga e dificuldades com a memória. Nesta fase o sistema imunológico é afetado, o que aumenta a chance de a pessoa adoecer.” (LIPP, 2003).

Os alunos do quarto ano estão mais propensos ao estresse.

Ano acadêmico	Estresse		
	Não	Sim	Total
Quarto	2 (28,6%)	5 (71,4%)	7 (100,0%)
Quinto	7 (70,0%)	3 (30,0%)	10 (100,0%)
Total	9 (40,9%)	8 (59,1%)	17 (100,0%)

Tabela 4 – Distribuição da amostra quanto à presença do estresse e ano acadêmico.

Fonte: BONIFÁCIO, 2011.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o apresentado neste artigo, pode-se observar que comparando os três tipos de estudantes universitários, a maioria dos graduandos avaliados de enfermagem não apresentaram sintomas depressivos, havendo uma diminuição considerável de estudantes que apresentam os sintomas, de acordo com a escala que identifica a presença de depressão em depressão leve, moderada e grave. Nos estudantes de engenharia, pode-se perceber que a maior parte dos acadêmicos que responderam ao questionaram apresentaram algum sintoma depressivo, principalmente relacionado ao estresse. As maiorias dessas pessoas ainda se encontram em fase de resistência, possuindo recursos para lidar com os sintomas que ainda são em sua maioria psicológicos. Ao avaliar os estudantes de psicologia dos dois últimos anos do curso, devido a um aumento da carga horária exigida pela universidade conjuntamente com

o fato de morarem longe das famílias, a maioria desses graduandos também apresentaram sintomas como o estresse, encontrando-se em fase de resistência muitas vezes.

O comum entre todos os cursos estão os fatores pedagógicos e estruturais, inseguranças com o curso, falta de tempo para atividades extracurriculares e realidade socioeconômica. Todavia, os estudantes de medicina apresentam maior predisposição à depressão, principalmente as mulheres, que se mostraram com maior frequência de sintomas depressivos do que os homens. Também foi apresentado que os sintomas neste curso são maiores quando comparados à população em geral, reforçando a ideia de que é preciso modificar o sistema de ensino das universidades voltando-se para mudanças dos fatores que causam esses sintomas, principalmente de Medicina, além de fornecer amparo psicológico, a fim de que haja a diminuição dos índices de acadêmicos com sintomas depressivos.

4 REFERÊNCIAS

AMARAL, Geraldo Francisco do et al. Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência. **Rev Psiquiatr Rio Gd Sul**, v. 30, n. 2, p. 124-30, 2008.

BONIFÁCIO, Shirlei de Paula et al. Investigação e manejo de eventos estressores entre estudantes de Psicologia. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 7, n. 1, p. 15-20, 2011.

DE MELO CAVESTRO, Julio; ROCHA, Fabio Lopes. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **J Bras Psiquiatr**, v. 55, n. 4, p. 264- 267, 2006.

DE REZENDE, Carlos Henrique Alves et al. Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Uberlândia. **Rev Bras Educ Med**, v. 32, n. 3, p. 315-23, 2008.

FUREGATO, Antonia Regina Ferreira; SANTOS, Jair Licio Ferreira; DA SILVA, Edilaine Cristina. Depressão entre estudantes de enfermagem relacionada à auto-estima, à percepção da sua saúde e interesse por saúde mental. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 2, p. 198-204, 2008.

FUREGATO, Antonia Regina Ferreira; FERREIRA SANTOS, Jair Lício; SILVA, Edilaine Cristina da. Depressão entre estudantes de dois cursos de enfermagem: autoavaliação da saúde e fatores associados. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, 2010.

GUIMARÃES RGM e cols. O que mudou em nossas vidas? Os alunos de Medicina na vivência do curso médico. Anais do 38o Congresso Brasileiro de Educação médica Petrópolis (RJ): ABEM, 2000; p. 113-14.

IGUE, Érica Aparecida; BARIANI, Isabel Cristina Dib; MILANESI, Pedro Vitor Barnabé. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF**, v. 13, n. 2, p. 155-164, 2008.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria a aplicações clínicas. In: **Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria a aplicações clínicas**. 2003.

MORO, Adriana; VALLE, Juliana Barros do; LIMA, Leandro Prates de. Sintomas depressivos nos estudantes de medicina da Universidade da Região de Joinville (SC). **Rev Bras Educ Med**, v. 29, n. 2, p. 97-102, 2005.

THOMAZ, Patricia Ester; ROCHA, Luciano Baracho; NETO, Vicente Machado. Estresse em estudantes de engenharia. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 20, n. 1, p. 73-86, 2011.

Sobre os Autores

Autor 1: Vitoria Bittencourt Neres graduanda do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** bittencourtneresvitoria@gmail.com

Autor 2: Natália Carlette Athaydes graduanda do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** nataliacarlettee@gmail.com

Autor 3: Vitor Dos Santos Machado graduando do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** vsantos1610@gmail.com

Autor 4: Sthela Fontoura Silveira graduanda do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** sthelafsilveira@gmail.com

Autor 5: Cláudio dos Santos Dias Cola. Professor do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** claudiodiascola@gmail.com

Autor 6: Afrânio Simões Pessanha. Professor do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** afraniosimoes@bol.com.br

Autor 7: Carlito Lessa da Silva. Professor do curso de Medicina da IES UniRedentor. **E-mail:** carlitolessa@hotmail.com



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 5, volume 5, artigo nº 145, Julho/Dezembro 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a145>
Edição Especial

F